

ENTREVISTA
TONY TORNADO

“Quando duas mãos se encontram, reflete no chão a sombra da mesma cor”.



Antônio Viana Gomes, mais conhecido como Tony Tornado, é ator e cantor brasileiro. Foi um dos artistas que introduziu a *soul music* e o *funk* na música brasileira. Em 1970, foi o vencedor do V Festival Internacional da Canção com a canção *soul* "BR-3." Fez dezenas de personagens nos seus 40 anos de televisão, além de atuar no cinema. Tony nos recebeu no Sesc Osasco, onde fez o show "Tony Tornado e Banda Funk Essência", para compartilhar com os leitores da *Mais 60* sua história, carreira e trabalho.



RAIO-X
Toni Tornado
86 anos, ator e cantor



MAIS 60 Tony, costumamos iniciar nosso encontro pedindo para o entrevistado contar um pouco da sua história. Nós sabemos que você nasceu em Mirante do Paranapanema, interior do Estado de São Paulo. Conte-nos sobre sua infância, as lembranças dos pais, da cidade...

TONY TORNADO Sou de Mirante do Paranapanema, oeste de São Paulo. Eu saí pequeno, com 14 anos, para o Rio de Janeiro, lá pelos anos 40 e poucos, precisava servir o exército. Era um sonho meu ser paraquedista, aquela coisa toda. Fui pro Rio, então, nessa aventura, claro, aliado à coisa do artista, já que na minha terra, pela calmaria, eu não conseguia mostrar nada de extraordinário, nada contra Mirante, a qual eu adoro! Aproveito a oportunidade para mandar um abraço para todos e dizer que tenho muito orgulho de ser Mirantense. Hoje já estou com 86, quase 87 anos bem vividos, graças a Deus, me formei e a vida foi me levando, fui junto com a maré...

Você é filho de pai guianense e mãe brasileira. Você tem muitas lembranças dos seus pais?

Meu pai tem 105 anos e me chama de velho. Ele é mais jovem do que eu! Nasceu em Georgetown¹, e veio de lá para São Paulo, aí casou com a minha mãe. Ele está melhor do que eu, e na sétima mulher! É daqueles negros que não tomou o “veneno”² do Jim Jones³. Muita gente morreu. Ele não é tão amável, por tudo o que passou na época da escravidão, então tem uns resquícios, sabe? Diz o meu pai que, até onde ele contou, tem cento e poucos filhos, isso é possível pela profissão dele enquanto escravo e tudo o que ele passou e viveu.

1 Georgetown é a capital da Guiana, na costa atlântica norte da América do Sul.

2 Ray Antenon, pai de Tony Tornado, é um dos sobreviventes da seita religiosa de Jim Jones, que levou ao suicídio/assassinato de quase mil pessoas, em 1978, na Guiana.

3 James Warren, “Jim” Jones, foi o fundador e líder do culto Templo dos Povos, famoso devido ao suicídio/assassinato em massa, em novembro de 1978.

Em 1948, aos 18 anos, você chegou ao Rio de Janeiro e serviu na Escola de Paraquedismo de Deodoro junto com o empresário Silvio Santos. Como foi essa experiência?

O Cabo Abravanel (conhecido como Silvio Santos) já era uma pessoa de visão. Ele inaugurou a cantina no quartel. Vendia tudo! ((risos)). Não sei se ele se formou paraquedista, o negócio dele era e é outro.

Tony, você iniciou sua carreira artística no Brasil, nos anos 60, com o nome artístico de Tony Checker, dublando e dançando no programa “Hoje é dia de Rock.” Nessa época, você imitava o cantor Chubby Checker*4. Como foi esse início?

Eu imitava o Chubby Checker, fazia mímica, nem cantava muito nessa época. Fazia as mesmas palhaçadas de sempre!

Neste período, você chamou a atenção do produtor artístico Carlos Imperial*5, da extinta TV Continental, que lhe abriu às portas para a carreira musical, correto?

Sim. Fui para Vitória, Espírito Santo, a família dele é de lá, e então conheci os cantores Roberto Carlos, Paulo Sérgio, Ronnie Von, Erasmo Carlos e Altamar Dutra. Todos faziam parte da “produção do Imperial”. Ele era um cara que fazia um movimento artístico no Rio de Janeiro, principalmente, e era o “rei dos eventos”. Eu trabalhava como segurança do Imperial e, quando voltei dos EUA, fui trabalhar com a família dele. Foi por isso que conheci todos esses artistas muito jovem, todos muito mais jovens do que eu e então, eu ia prestando atenção em tudo, já tinha essa coisa de artista.

4 Chubby Checker (1941-) é um cantor-compositor norte-americano, conhecido por popularizar o twist, dança típica americana.

5 Carlos Eduardo da Corte Imperial, foi um produtor artístico e personalidade do show business brasileiro.



“não existe música ruim, existe a que nós gostamos e a que não gostamos.”

Ainda nos anos 60, você partiu em busca de novas oportunidades nos EUA. Foi morar no Harlem, bairro de Nova York. Como foi esse período?

Morei no Harlem (norte de NY). Fiquei lá quatro anos e meio, mas já tinha corrido quase o mundo inteiro cantando, me virando, fazendo tudo. Eu fazia parte de um grupo chamado Brasiliana (grupo folclórico brasileiro), que rodava o mundo todo. A gente tinha um contrato de dois anos, que poderia renovar ou não, como eu não tinha mesmo pra onde ir, eu ia renovando de dois em dois anos, e por isso que eu conheci muitos lugares. Nos EUA eu fiquei mais porque já estava no final da temporada, então eu dei uma fugida por lá... fiquei “meio ilegal” nos EUA.

Nos EUA você conheceu outro brasileiro que também morava em Nova York, o cantor Tim Maia...

No Harlem que eu conheci Tim Maia, o “Sebastião”, meu grande amigo! Quando eu cheguei, ele já estava lá. É difícil falar “Tim Maia”, pois eu o chamava de Sebastião. Fizemos amizade e, quando voltei para o Brasil, o reencontrei e já estava se formando uma grande estrela, que sempre foi, né? E falar do Sebastião me emociona, porque eu falo com muito carinho. Nós tivemos uma amizade muito estreita de pensamentos, de situações que a gente passava juntos, e foi uma grande perda.

Você retornou ao Brasil em 1969 e trabalhou no conjunto de Ed Lincoln⁶, sob o pseudônimo de Johnny Bradfort, como foi esse retorno? Além disso, musicalmente falando, você veio com uma boa bagagem dos EUA?

Cheguei aqui “gringo”. Fiquei fora por nove anos, e aí? Como vou fazer agora? Então comecei a trabalhar em uma boate em Copacabana, cantando. Nos EUA, eu morei na Avenida - 142, a principal, que corta o bairro e como eu não fazia nada além de ouvir música, eu prestava atenção em tudo. Tanto é que quando eu fui para o V Festival Internacional da Canção, já estava com uma bagagem boa de música.

Em 1970, você foi um dos responsáveis em trazer a “soul music” para o Brasil. Como foi essa experiência?

Eu sempre procurei fazer o melhor que posso, porque tive uma “escola” nos EUA, e sempre prestei muita atenção. Quando voltei pra cá pensei: “vou colocar isso em prática”. Não inventei nada e a soul music fez parte da minha vivência americana, porque eu passava o dia todo dentro do Apollo Theater⁷, assistindo os negros cantando e dançando e eu ficava “só de olho”. Eu apenas dei uma “abrilheira”, porque a maneira deles é muito diferente da nossa. Para eles, a dança está muito ligada à filosofia de vida. O americano faz muito bem porque tem um sentido filosófico dentro da música. O brasileiro tem outra realidade e por isso precisei adaptar mas “não existe música ruim, existe a que nós gostamos e a que não gostamos.”

⁶ Eduardo Lincoln Barbosa Sabóia, mais conhecido como Ed Lincoln (1932-2012), foi um instrumentista, compositor, arranjador e produtor musical brasileiro.

⁷ O Apollo Theater é um teatro estadunidense localizado no bairro do Harlem na cidade de Nova Iorque. É também reduto dos artistas negros da cidade.



“eu estava trazendo uma coisa nova, né? A maneira de se apresentar, cantar, dançar, era um “kit”, um pacote de coisas novas que eu estava apresentando, isso que me valeu muito naquela época”



Ainda, em 1970, você ganhou o “V Festival Internacional da Canção” interpretando a música de Antônio Adolfo⁸ e Tibério Gaspar⁹ - BR-3, ao lado do Trio Ternura. Ninguém o conhecia. Como foi? O que significou pra você?

Conheci o Adolfo e o Tibério Gaspar, em 1969/70, e eles estavam procurando um intérprete pra música BR-3. Já tinham convidado alguns cantores. Convidaram o Tim Maia, que recusou, pois estava lançando um disco, o Simonal, mas também recusou, pois já era uma grande estrela, o Gerson King Combo também enfim, um monte de gente, até que um dia, na boate em Copacabana, apareceu o falecido Orlandivo¹⁰, e ele então falou pro Tibério: “olha tem um negão lá

na boate, que é meio gringo mas pode interpretar a BR-3.” E assim foi! Falando sério, “eu estava trazendo uma coisa nova, né? A maneira de se apresentar, cantar, dançar, era um “kit”, um pacote de coisas novas que eu estava apresentando, isso que me valeu muito naquela época”.

Em 1971, com o Maracanãzinho lotado, em plena ditadura militar, Elis Regina cantava “Black is Beautiful”, de Marcos e Paulo Sérgio Valle. Você estava na plateia, subiu ao palco e fez o sinal black power, do grupo revolucionário americano Panteras Negras. O que aconteceu a partir desse momento?

Era uma época pesada, ela (Elis Regina) cantou “Black is Beautiful” e pensei “é em minha homenagem, sou eu esse negão!” ((risos)). Aí subi no palco. Quando subi me algemaram, mas isso aí era nada, porque só de DOPS¹¹ eu tive umas oito,

8 Antonio Adolfo Maurity Sabóia (1947-) é um pianista, tecladista e compositor brasileiro.

9 Tibério Gaspar Rodrigues Pereira (1943-2017) foi um violinista, produtor musical e compositor brasileiro.

10 Orlandivo Honório de Souza (1937-2017) foi um percussionista, cantor e compositor brasileiro.

11 O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), criado em 1924, foi o órgão do governo brasileiro utilizado principalmente durante o Estado Novo e mais tarde na Ditadura Militar.

nove entradas. Eu não me conformava com aquilo tudo e não era político. Eu era político social, porque teve um movimento no Rio, chamado Black Rio¹² e eu comandeí, encabecei esse movimento. Ele não tinha nenhuma conotação racista, absolutamente, era só social.

Fazendo uma reflexão do que aconteceu contigo nessa época com relação ao preconceito e racismo no Brasil, como você enfrentou essa questão?

Eu já estava com uma ideia do que era um negro em toda a sua formação étnica, de aceitação, de reconhecimento, sabe? De raça mesmo, aí eu tentava passar isso para os “irmãozinhos” né? Eles não sabiam, achavam bonito ter aquele cabelo “black power” tal, mas era uma coisa estética e, na verdade, não era só estética, tinha toda uma linguagem e eu dizia pra eles: “eu tô vindo de lá (EUA), ninguém vai falar de racismo comigo.” O que acontece aqui não é nem racismo, é preconceito, é diferente. Nos EUA, o negro não quer ser igual ao branco. Até onde eu aprendi, eles não têm nenhuma vontade de ser igual ao branco. Eles querem superioridade de raça e aqui não, aqui é complicado. E não é preconceito só contra o negro, é contra o magro, o careca, etc. Nos EUA, eu tinha muitos amigos porque eles tinham todo um respeito pelo Tornado, na verdade não era o Tornado, era o “Comfort” porque era o meu nome no bairro e eles tinham todo um respeito porque diziam: “como você milita em todas as áreas sendo negro, e vocês convivem com os brancos, com os amarelos, com todo mundo numa boa?” Aí eu explicava pra eles que,

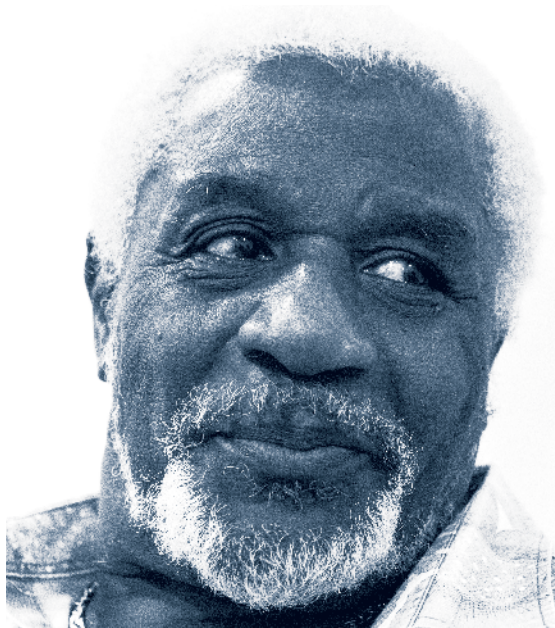
no Brasil, tem a miscigenação, que a “mistura” é muito grande e que aqui não temos esse tipo de problema, principalmente em épocas de carnaval, quando isso fica muito latente, que não existe diferença porque está todo mundo junto, é uma grande demonstração! E eu explicava que no Brasil é todo mundo junto mesmo!

Ainda neste período, por onde você passou no exílio?

Eu saí daqui e me mandaram para o Uruguai. Foi o primeiro país que fui por ser o mais próximo do Brasil, e era onde o Bloco Socialista iria determinar para onde iríamos, não só eu eram grupos. Nós não escolhíamos para onde queríamos ir, era determinado pelo Bloco Socialista. “O exilado é um prisioneiro só não tem a grade na frente, mas tem as normas, tem as leis...” dez horas da noite em casa, não pode avançar sinal, não pode exercer cargo público, casar, não pode fazer nada. Você está “emprestado” para aquele país. É uma vida muito difícil. Morei também na Coréia do Norte, na antiga Tchecoslováquia, foi uma fase difícil. Fui também para Moscou (Rússia), Alemanha Ocidental, América Central (Honduras e países próximos), em Angola e em todos os países que faziam parte do bloco socialista. Inclusive, tivemos também em países maravilhosos, como Holanda, Suíça, Suécia e Dinamarca. Aí eu voltei dos EUA, porque veio o AI-5¹³, e as pessoas começaram a se dispersar, eu fui pra França e depois retornei para os EUA, pois tinha conhecidos por lá. E então voltei para o Brasil, na verdade “me voltaram!” Me colocaram em um avião e me mandaram de volta para o Brasil. Eu fui expulso duas vezes, daqui e de lá!

12 Movimento cultural e artístico nas periferias do Rio de Janeiro (final dos anos 1960 e início dos anos 1970). Era, também, uma manifestação contra o preconceito racial e afirmação do orgulho negro no Brasil.

13 O Ato Institucional Número Cinco (AI-5) foi o quinto de dezessete grandes decretos emitidos pela ditadura militar nos anos que se seguiram ao golpe de estado de 1964 no Brasil.



“Eu atuo com muita dignidade, pra mim não existe o pequeno personagem”

Quando você estreou como ator?

Quando eu voltei para o Brasil, em 1972, fiz uma pequena introdução em teatro com a Maria Clara Machado. Eu já cantava, mas queria fazer arte dramática. Aprendi isso na Europa e nos EUA. “O cantor também canta, mas ele faz tudo.” Aí, depois você vê um show do Sammy Davis Júnior¹⁴, você fala, ué? A última coisa que ele fez foi cantar? Ele tocou bateria, dançou, representou, e depois ele cantou. Eles têm esse perfil, Elvis Presley, outro exemplo, os cantores até cantam! Eu atuo com muita dignidade, pra mim não existe o pequeno personagem.

14 Samuel George “Sammy” Davis, Jr. (1925-1990) mais conhecido simplesmente como Sammy Davis Jr., foi um cantor, dançarino e ator estadunidense.

Você continua atuando?

Sim. Estou há 40 anos na Rede Globo. Cheguei em 1976 e continuo trabalhando. Atualmente, estou gravando algumas séries que vão ao ar em breve e, além disso, faço algumas incursões musicais.

Atualmente você tem feito shows com o seu filho, Lincoln Tornado. Como tem sido essa experiência?

Nas incursões musicais, agora sou auxiliado pelo Lincoln, meu filho. Ele segura isso tudo. É uma pessoa maravilhosa que canta, dança, representa, já fez algumas novelas. E eu continuo fazendo, mas o show é dele.

Tony, qual é a sua relação com a velhice?

Sinto só cansaço. Fiz uma operação na articulação do quadril, porque eu dançava muito e desgastou. Não foi nem por velhice, até poderia ter sido, mas foi por dançar muito. Coloquei uma prótese.

Você sabe que, atualmente, o Brasil possui 29 milhões de idosos, o que representa 14,3% da população. Em 2030, a estimativa é de 41 milhões de idosos, o equivalente a 18% dos brasileiros. Nesse ano, os idosos vão ultrapassar as crianças de 0 a 14 anos. Qual é a sua visão sobre esse assunto?

O país ainda é jovem com relação à França, Inglaterra, tem muito que aprender. O que acontece é falta de apoio ao velho, do velho... essa discriminação vem pela falta de apoio. Ele não está tão velho, mas quando ele se sente “jogado para escanteio”, ele fala: acho que é fim de festa mesmo vou parar, mas ainda ele pode fazer alguma coisa! É tanta dificuldade nesse país, o que é lamentável. Eu saí escorraçado do Brasil, mas quando voltei, beijei o chão, como o Papa. Nós temos muitas chances aqui! O clima é bom e o brasileiro é muito bom! Temos que aproveitar!